



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**Sintagmas Nominais no Kaiowá: expressão de número e
(in)definitude**

Daiane Ramires

Brasília
2019

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Daiane Ramires

Sintagmas Nominais no Kaiowá: expressão de número e (in)definitude

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística
Orientadora: Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente

Brasília
2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rs Ramires, Daiane Ramires
Sintagmas Nominais no Kaiowá: expressão de número e
(in)definitude / Daiane Ramires Ramires; orientador Helena
da Silva Guerra Vicente . -- Brasília, 2019.
48 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Expressão de número, definitude, indefinitude,
Kaiowá, -kuera.. 2. Sintagma Nominal . I. , Helena da Silva
Guerra Vicente, orient. II. Título.

Daiane Ramires

Sintagmas Nominais no Kaiowá: expressão de número e (in)definitude

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich (UnB) - Presidente

Profa. Dra. Isabella Coutinho Costa (UERR)

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho (UnB)

Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior (UnB) - Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação especialmente ao meu Povo Guarani Kaiowá e à minha família, a quem devo minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, dando-me saúde e força para superar as dificuldades.

Agradeço à minha orientadora, Helena Guerra Vicente, por ter tido paciência e me acolhido muito bem na Universidade de Brasília. Assim como por ter me ajudado a cumprir esta fase dos meus estudos, me orientando com seriedade e com competência e me incentivando, mesmo longe, e acreditando que nós indígenas somos capazes de construir, e de ser protagonistas da nossa própria história. E, por outro lado, por ter me mostrado a importância do estudo da Teoria Gerativa, que tem tudo a ver com a língua Guaraní-Kaiowá.

Agradeço também à professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral por ter me acolhido no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI) do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Agradeço aos professores Gennaro Chierchia e Veneeta Dayal por terem nos fornecido o questionário para identificação de contextos definidos e indefinidos e por terem nos ajudado a formular dados complementares.

Agradeço também ao Diretor da Escola Estadual Indígena Cacique Timóteo José Carlos Moraes Pinheiro e ao Coordenador Amarildo Julio, pela compreensão pela minha ausência da escola, durante os meus estudos na Universidade de Brasília.

Agradeço aos meus pais Atito Ramires e Almira Cano pela educação que me deram e por estarem sempre me apoiando. Aos meus irmãos, que estão sempre prontos para me ajudar com relação à língua escrita, a ortografia do Kaiowá, e com algumas traduções. Assim como toda a minha família que, com muito carinho e apoio, não mediu esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Não poderia deixar de agradecer à família do meu esposo, pelo esforço para cuidar do meu filho, e pela paciência, e também meu esposo Jailson Joaquim, que sempre me encorajou para enfrentar os obstáculos, como você mesmo disse, das “idas e vindas”. Sei que não é fácil, muito obrigada.

Agradeço também carinhosamente uma pessoa que conheci no LALLI e que me ajudou na adaptação em Brasília, Edineia Isidoro, pelo incentivo.

Agradeço ao Sr. Nonato, responsável pela hospedagem na Colina, UnB.

Sou grata ao meu povo Guaraní e Kaiowá da comunidade indígena Aldeia Taquaperi, município de Coronel Sapucaia-MS, e da comunidade da etnia Terena, onde eu moro atualmente, a Aldeia Cachoeirinha, município de Miranda-MS. E às pessoas com quem convivi um pouco no espaço do LALLI. Ao longo desses anos, no LALLI, o estudo e a produção compartilhados na convivência com as etnias Xavante, Xerente, Suruí-Paitér e Gavião (Mondé) foi a melhor experiência de minha formação na UnB. Agradeço especialmente à Rosileide Carvalho, várias vezes companheira de apartamento na Colina, e grande encorajadora do meu trabalho.

Agradeço à professora Isabella Coutinho Costa e aos professores Marcus Vinicius Lunguinho e Paulo Medeiros Júnior por terem aceito participar como membros da minha banca.

À CAPES, agradeço pelo apoio financeiro.

Agradeço ao pessoal da Secretaria do PPGL-UnB, em especial à Raquel, por ter tido sempre muita paciência com as minhas dúvidas.

Agradeço à professora Cecilia Fonseca da Silva, por ter revisado a Apresentação desta dissertação.

Agradeço a Ana Lúcia Lomonaco pela arte das *storyboards*.

Finalmente, agradeço à Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística, professora Enilde Faulstich e à Diretora do Instituto de Letras, professora Rozana Reigota Naves, pelos ensinamentos e apoio à política de inclusão de indígenas no PPGL. A professora Enilde também aceitou, gentilmente, participar como Presidente da minha banca, em substituição à minha orientadora, em licença-aperfeiçoamento no exterior.

Enfim, agradeço a todos que não foram citados, mas que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização deste trabalho.

Resumo

RAMIRES, Daiane. Sintagmas Nominais no Kaiowá: expressão de número e (in)definitude. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2019.

Este trabalho investiga, de um ponto de vista da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1957 e trabalhos subsequentes) como o Kaiowá (Tupi-Guarani), uma língua nua, isto é, uma língua desprovida de artigos, expressa as noções semânticas de definitude e indefinitude (e.g. “A menina sorriu”; “Uma menina sorriu”, respectivamente). Ao mesmo tempo, concentramo-nos no estudo da marcação nominal opcional de número, expressa pela adição, em posição pós-nominal, de *-kuera*, um elemento que, conforme defendemos, é um morfema de plural – ainda que se distinga dos morfemas de número mais canônicos, do tipo do Inglês e do Português. Argumentamos que esse morfema é altamente produtivo no Kaiowá e que sua ocorrência não se restringe a contextos definidos, contrariando o que tem sido defendido na literatura sobre o tema. Nossa análise se baseia no exame de dados inéditos, obtidos por meio do questionário *Identifying (In)definiteness: a questionnaire* (DAYAL, em preparação) e da técnica de “elicitação controlada”.

Palavras-chave: Expressão de número, definitude, indefinitude, Kaiowá, *-kuera*.

Abstract

This work investigates, from a Generative perspective (CHOMSKY, 1957 and subsequent work), how Kaiowá (Tupi-Guarani), a bare language, that is, an article-less language, expresses the semantic notions of definiteness and indefiniteness (e.g. “The girl smiled”; “A girl smiled”, respectively). At the same time, we focus on the optional nominal number marking present in the language, expressed by the attachment, in post-nominal position, of *-kuera*, an element which, we claim, is a plural morpheme – even if distinct from more canonical number morphemes such as those from English and Portuguese. We argue that this morpheme is highly productive in Kaiowá and that its occurrence is not restricted to definite contexts, departing from what has been claimed in the literature about this topic. Our analysis is supported by original data, collected by means of a questionnaire, *Identifying (In)definiteness: a questionnaire* (DAYAL, in preparation) and the technique known as “controlled elicitation”.

Keywords: Number expression, definiteness, indefiniteness, Kaiowá, *-kuera*.

Sumário

0. Introdução	9
1. Apresentação: Kaiowá, uma trajetória de construção e reconstrução.....	10
2. Pressupostos teóricos	17
2.1 Sobre a Gramática Universal	17
2.2 Competência e criatividade	19
3. Metodologia	22
4. Apresentação do problema de pesquisa, descrição e análise	26
4.1 Sobre determinantes	26
4.2 O Kaiowá, uma “língua nua”	28
4.2.1 A marcação nominal opcional de número no Kaiowá	32
4.2.2 (In) definitude, genericidade, espécie	37
4.2.3 (In) definitude e marcação opcional de número	40
5. Considerações Finais	43
6. Referências Bibliográficas	44
01- Anexo (<i>Storyboard</i>).....	46
02- Anexo (<i>Storyboard</i>).....	47

0. Introdução

O presente trabalho tem objetivo duplo: demonstrar como o Kaiowá, uma língua desprovida de artigos, expressa as noções semânticas de definitude e indefinitude, e demonstrar que uma análise que restringe a ocorrência de *-kuera*, um morfema opcional de plural, a contextos definidos, não faz previsões corretas para essa língua.

Esta dissertação está dividida da seguinte maneira: na primeira parte, intitulada “Apresentação”, apresento a minha trajetória de vida e acadêmica. Em geral, as dissertações e teses sobre línguas indígenas começam com uma extensa seção que localiza seus falantes geográfica e historicamente, além de discorrer sobre as trajetórias de luta daqueles povos. Sobre o Kaiowá, por exemplo, remeto o leitor à tese de Cardoso (2008), por considerar a mais completa nesse sentido. Optei por fazer algo inédito: escrever sobre a minha aldeia, a minha família, nossa trajetória acadêmica. Na segunda parte, introduzo os pressupostos teóricos que embasam a minha pesquisa. Ali, concentro-me especificamente em três noções da Teoria Gerativa (CHOMSKY, 1957 e trabalhos subsequentes) que serão importantes neste trabalho: as noções de Gramática Universal, competência e criatividade. Na terceira parte, discorro sobre a metodologia adotada para a coleta de dados. Todos os dados desta dissertação são inéditos (com exceção de dois dados de Carvalho (2017) e um dado extraído do conto “A Lenda da Mandioca”) e foram coletados por meio da técnica conhecida como “elicitação”, ou “elicitação controlada”. Tomei por base, para a coleta de dados, o questionário *Identifying (In)definiteness: a questionnaire* (DAYAL, em preparação). Em seguida, na quarta seção, apresento o problema de pesquisa que constitui o objetivo desta dissertação: construções definidas, indefinidas, e o morfema opcional de plural *-kuera*. Por fim, concluo o trabalho, indicando, também, possíveis desenvolvimentos para a minha pesquisa.

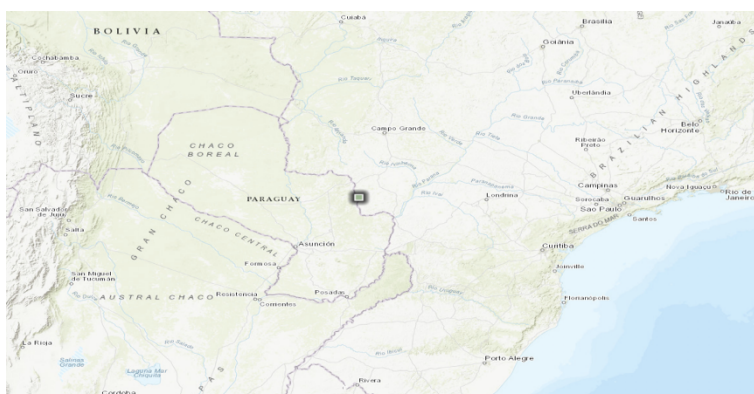
1. Apresentação: Kaiowá, Uma Trajetória de Construção e Reconstrução

Meu nome é Daiane Ramires, sou do povo *Tavyterã*, um subgrupo dos *Kaiowá*. Nasci na aldeia Taquaperi, no município de Coronel Sapucaia, Mato Grosso do Sul. Penso que antes de falar da minha trajetória acadêmica, é importante falar sobre o meu povo Tavyterã, mais conhecido como Guarani Kaiowá – ‘o povo da floresta’ - *ka'aguygua* ou *ka'aguy pegua*, nome dado pelos não-índios. Meu pai é Kaiowá e veio do Paraguai; minha mãe, que é também Kaiowá, sempre viveu na aldeia Taquaperi com sua família, sendo todos os membros naturais da aldeia Taquaperi.



Mapa 1 – Localização do estado de Mato Grosso do Sul no Brasil

(Fonte: wikipedia.org)



Mapa 2 – Localização da Aldeia Taquaperi no estado de Mato Grosso do Sul

(Fonte: terrasindigenas.org.br)

1.1 Uma palavra sobre o povo Kaiowá e a minha família

No Brasil, vivem atualmente mais de 238 povos indígenas de etnias diferentes (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2011). O IBGE contabilizou 305 línguas diferentes entre os 817 mil indígenas contados no censo de 2010. Apenas 154 línguas indígenas ainda existem no Brasil, e quase um quarto desse número está em perigo de extinção (MORENO, 2013). Em relação ao termo “Tupi-Guarani”: não existe um “povo Tupi-Guarani”, mas sim grupos que falam línguas pertencentes a essa família linguística que faz parte do tronco Tupi. A seguir, falarei mais especificamente sobre os membros da aldeia Taquaperi, município de Coronel Sapucaia, cone sul do estado de Mato Grosso do Sul. Na aldeia Taquaperi, o maior número de famílias é *Tavyterã* ou *Kaiowá*. Foi nessa aldeia que nasci e cresci, em 1987. Minha família sempre foi humilde: meu pai sempre trabalhou na roça para nos sustentar e minha mãe sempre foi dona de casa. Segundo minha mãe, ela estudou até o 5º ano do ensino fundamental. Meu pai nem continuou estudando, pois praticamente parou no 3º ano do ensino fundamental. Sendo assim, não chegou a ser completamente alfabetizado e teve dificuldade até para assinar o nome. Então chegou um dia em que precisou escrever seu nome; foi meu irmão quem lhe ensinou a assinar seu nome. Lembro-me de que ele tinha um caderno especial para isso: todo dia meu irmão escrevia o nome do meu pai, para que ele pudesse aprender a assinar seu nome. Eu sempre pensava sobre as razões que o impediam de estudar. Seria porque o estudo não era muito importante ou seria porque não dava para ele estudar, trabalhar e sustentar uma família ao mesmo tempo? Mas, em compensação, toda a nossa família, eu inclusive, concluímos os estudos com muita força de vontade. Meu irmão mais velho, Eldo Ramires, se formou na área de História pela Universidade Estadual de Mato Grosso Sul (UEMS), além de ter uma Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu*, na área de Linguagem, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Mato Grosso do Sul. Também tem Especialização em Educação Escolar Indígena, pelo Instituto de Estudos Avançados, e pós-graduação pelas Faculdades Integradas do Vale do Ivaí, Paraná. Outro irmão meu, Isaias Ramires, também tem Licenciatura Intercultural Indígena *Teko Arandu*, na área de Ciência da Natureza, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente, estão cursando Administração na cidade de Amambai (MS), pela UNIESP. Meu irmão Cleyton também seguiu a mesma área de Isaias. Cleomar está estudando ainda na UFGD (Universidade Federal de Grande Dourados), iniciou este ano de 2019 na FAIND (Faculdade intercultural Indígena) que fica no dentro da UFGD, uma faculdade

que só para indígenas. Como meu irmão Cleomar começou este ano, a área dele não foi dividida ainda. E outro meu irmão, Cleberson Ramires, iniciou curso dele o ano passado, 2018, curso de história pela UEMS (Universidade estadual de Mato grosso do Sul) na cidade de Amambai-MS.

A minha irmã caçula, Cleisieli Ramires, vai concluir o ensino médio este ano. Meus irmãos mais novos estudaram dentro da aldeia, desde o 1º ano até o 3º ano do Ensino Médio. É diferente da minha época, pois eu e meus dois irmãos mais velhos estudamos na aldeia desde o pré-primário até o 5º ano. Do 6º ano até o 3º ano ensino médio estudamos na escola pública. Cresci junto com a minha família até os meus dezoito anos. No ano de 2005 prestei vestibular na cidade de Dourados. Nessa época, os funcionários da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) levavam os questionários para fazermos inscrição para o vestibular, por meio de cotas. Resolvi preencher os questionários e fui fazer a prova.

1.2 Os desafios

A partir de 2006, me afastei da família, prestei vestibular para o curso de Letras-Espanhol/ Literatura pela UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), na cidade de Dourados-MS. Entrei pela Cota Indígena, fiquei em terceiro lugar, e assim comecei minha Graduação no ano de 2006. Quase desisti do curso, porque com a mudança de cidade, precisei me adaptar a uma nova vida, e isso foi muito difícil: ficar longe da família, sem condições financeiras, foi o pior que encontrei nessa caminhada da Graduação. Para uma mudança desse tipo é preciso ter condições para poder se manter na cidade com moradia, alimentação, transporte. Foi por isso que quase desisti. O que me ajudou muito foi a Bolsa de Auxílio da Universidade. Se o povo indígena tem sido esquecido pela FUNAI, restou apenas contar com a ajuda do programa “Vale Universidade Indígena”, que é um programa de apoio oferecido pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul aos estudantes indígenas que ingressam na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Os acadêmicos contemplados com o programa recebem auxílio financeiro de R\$ 346,00 (trezentos e quarenta e seis reais), sendo o valor de R\$ 46,00 (quarenta e seis reais) destinado às atividades “obrigatórias” de 12 horas semanais, exigidas pelo programa, para manter o auxílio. Além disso, o programa ainda exige que o estudante não acumule mais de duas dependências em disciplinas, durante todo o período de graduação. Mas eu, no ano de 2008, perdi essa bolsa, porque fiquei em

pendência no quadro de disciplinas. Mas pude continuar estudando graças ao apoio e incentivo da minha família.

No ano de 2010 conheci a professora Onilda Sanches Nincão, com quem desenvolvi o projeto de extensão na aldeia de Dourados, numa escola de ensino fundamental e médio. O Projeto de Extensão é voltado para a comunidade escolar, alunos e professores. Meu projeto era voltado para alunos em relação ao conflito identitário bilíngue. Foi por meio desse projeto que comecei a gostar, a amar, a língua indígena. Meu objetivo principal foi, e continua sendo, aprofundar o estudo da minha língua materna, o Kaiowá - uma língua conservadora e complexa ao mesmo tempo. Isso vem da cultura e da identidade do Guarani Kaiowá.

De acordo com Viegas,

A língua Kaiowá é um membro do sub-ramo I da família Tupi-guarani (RODRIGUES, 1984/1985). A Família Tupi-Guarani se destaca pela sua grande extensão territorial, pois suas línguas ocupam boa parte da América do Sul. O Kaiowá é umas das línguas da família Tupi-guarani com um maior número de falantes no Brasil (2017, p. 32).

Quando entrei na graduação, nem sabia o que significava o nome Kaiowá; mas, ao longo da minha caminhada na graduação, fui descobrindo que a língua é muito importante como instrumento de luta para a garantia de nossos direitos, além de expressar a visão de mundo, o modo de vida e a identidade cultural da comunidade Kaiowá.

1.3 O conhecimento tradicional e as novas tecnologias

A continuidade da língua Guarani é a continuidade da lei do povo nas diversas gerações. Por meio desse canal ocorre a transmissão de conhecimentos, tais como: a história, o conhecimento do tempo, do espaço e dos diversos guardiões ou *jára*, que são os deuses protetores, responsáveis pela observância do modo correto da vida sagrada dos membros da comunidade.

Por isso, o conhecimento é muito importante, há momentos apropriados para ser transmitido; ele deve ser transmitido na ocasião propícia e precisa ser transmitido gradualmente. As histórias, os cantos, as rezas e a ética só podem ser usados na hora em que a pessoa precisa. Atualmente, porém, com as novas tecnologias, os valores materiais e o acesso às tecnologias não-indígenas estão modificando bastante essas estratégias de

resistência. Olhando pelo lado positivo, porém, entendo que a tecnologia pode ser utilizada para manter viva a identidade indígena. A identidade étnica não altera por causa da sua profissão, ou por causa do meio de comunicação que você utiliza. O acesso à tecnologia é um facilitador para as comunidades indígenas e a sociedade de um modo geral. O acesso à internet foi crucial para mim, para que eu pudesse concluir o mestrado, já que moro em uma aldeia, longe do DF, e precisava ter contato com minha orientadora quase todos os dias, para mandar e-mails e, regularmente, fazer videoconferências pelo WhatsApp. Com isso, o uso da internet tem um papel importante na transmissão dessas ideias e na demonstração de que os grupos indígenas são donos de conhecimentos absolutamente pertinentes para o mundo não-indígena. Vários povos indígenas têm usado a rede como importante aliada, para atingir o grande público, dentro e fora do país, com o objetivo de preservar e divulgar a cultura, defender seus direitos, mostrar condições de vida e lutas diárias. O recurso, quando usado de forma responsável, é usado para romper o isolamento em que muitas comunidades vivem, e também para vencer a barreira da falta de espaço que esses povos têm na mídia tradicionais. O acesso às tecnologias possibilita aos indígenas disseminar sua cultura. As histórias, antes restritas à memória dos mais velhos e na tradição oral, agora também estão nos livros, computadores, *tablets* e celulares. Essa tecnologia também chegou às aldeias e, quem pensa que nós, índios, não usamos computadores e celulares, está totalmente enganado, pois acompanhamos, sim, os avanços da tecnologia e, com isso, não estamos perdendo nada da nossa cultura, pelo contrário, estamos ganhando muito mais. Ao mesmo tempo, para que os conhecimentos dos anciãos não se desvalorizem, as crianças precisam continuar ouvindo esses conhecimentos por meio da oralidade; são histórias ou ensinamentos que servem de exemplo moral para a juventude, como inspiração de vida.

1.4 Minha adaptação na aldeia Terena

Atualmente sou licenciada na área de Letras Português/Espanhol. A minha língua materna é o Kaiowá, e o português é a minha segunda língua, mas, durante a graduação tive de me expressar, por necessidade, muito mais em português, e acabei deixando um pouco de lado a minha língua, como fala cotidiana. No entanto, toda vez que encontro outra pessoa com a minha etnia, conversamos na língua Kaiowá. Encontrei muita dificuldade durante a graduação, mas fui me adaptando e adquirindo novos conhecimentos. Convivi com colegas indígenas, que não falavam a mesma língua. Mas, graças a muito esforço, consegui concluir a graduação. Minha ideia era voltar para a

minha aldeia, para ajudar o meu povo. No entanto, depois que terminei a minha graduação casei com um homem da etnia Terena e fui viver na aldeia dele. Atualmente, estou morando na aldeia Cachoeirinha, município de Miranda-MS. Em 2013, trabalhei nessa comunidade, como Coordenadora na Área de Língua Portuguesa. Os Terena são um povo muito receptivo. Segundo Rodrigues (1986 *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 66) “os povos indígenas são apresentados, muitas vezes, como se fossem um povo homogêneo. No entanto, cada povo indígena é diferente entre si, com características de habilidades tecnológicas, atitudes, estéticas, crenças religiosas, organização social e filosofia distintas e peculiares a cada grupo, distinguindo-se também por possuir línguas diferentes”. Nesse sentido, considerando a individualidade do povo Terena, seus membros também têm sua história, no passado e no presente. O momento marcante de sua história foi a participação na Guerra do Paraguai (1864-1870). De acordo com Bittencourt e Ladeira (2000, p. 27),

Esta guerra, na qual participaram muitos países - Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai - envolveu também os escravos de origem africana e povos indígenas habitantes das regiões próximas ao rio Paraguai. Os Terena e Guaicuru aliaram-se aos brasileiros e lutaram para preservar seu território.

Como todos os povos indígenas, a comunidade Terena tem sua cultura, identidade, língua, também por meio da história vivida do presente e do passado. Sendo assim, fui me adaptando a essa comunidade, respeitando sua língua e cultura. Não poderia deixar de falar um pouco dessa comunidade indígena, onde resido e, assim, vou aprendendo muita coisa cada dia. Espero aprofundar uma pesquisa comparativa entre o Guarani Kaiowá e o Terena no doutorado.

1.5 A luta continua

Quando cheguei na Aldeia Cachoeirinha, fiquei como coordenadora de Língua Portuguesa, como já mencionei. Trabalhei um ano na coordenação e no ano seguinte fui para a sala de aula. Pude perceber, tal como já havia percebido na minha comunidade, que é grande a escassez de material na língua indígena, seja ela qual for. Há falta principalmente na parte de Gramática Indígena. Fazem falta livros de gramática e também de contos, não só no Ensino Fundamental, mas também no Ensino Médio. O material em língua indígena é pouco produzido, porque não é fácil produzir na língua:

é preciso ter o apoio da comunidade, dos professores, dos anciãos. Alguns materiais, como contos e nomes das ervas medicinais, já estão escritos pelos professores por meio do Projeto Saberes Indígenas na Escola. Isso mostra o retorno ou um novo caminho de retorno da comunidade para casa, para o entendimento da sua identidade, para a valorização de seus saberes e também para terem a noção e a abertura, no sentido de compreender que já não estamos sós, que existem outras sociedades, que devem ser compreendidas e respeitadas pelos próprios indígenas. Segundo Ramires (2012), a região abriga uma grande população indígena dividida entre as etnias Guarani- Kaiowá, Guarani-Nhandeva e Terena, que vive na aldeia de Dourados e mostra a sua capacidade de resistência, participando de muitas lutas pelos seus direitos. A escola, então, se transforma num território de defesa, de retomada de consciência sobre os valores culturais e interculturais, num espaço de estranhamentos e de compreensão. A escola precisa, por meio das boas ideias, potencializar os conhecimentos e apresentar inúmeros caminhos para a nova geração transitar na interculturalidade, sem, no entanto, abandonar os seus valores ancestrais. Respeito muito a escola como instituição importante que é, pois me fez entender aquilo que, de fato, tenho de valor cultural. A escola é o caminho, hoje, do retorno dos Kaiowá para o entendimento de valores e da cosmovisão do nosso povo. Muitos saberes ficaram guardados pelos mais velhos, mas, por meio da pesquisa, tudo isso está retornando, pouco a pouco, à escola. A escola é, também, o espaço propício para compreender melhor o significado de outras culturas e tecnologias. Então o meu objetivo é documentar e descrever a minha língua, principalmente sua gramática, que é muito complexa, para poder inseri-la no currículo escolar.

2. Pressupostos teóricos

Adotaremos, como base teórica para este trabalho, os pressupostos da Teoria Gerativa de Noam Chomsky (1957 e trabalhos subsequentes). Dentre esses pressupostos, destacam-se as noções de Gramática Universal, competência e criatividade, sobre os quais nos debruçamos nesta seção.

2.1 Sobre a Gramática Universal

De acordo com a Teoria Gerativa, todas as línguas naturais possuem uma base gramatical em comum, que se denomina Gramática Universal ou, simplesmente, GU. A olho nu, essa afirmação parece contraditória, pelo fato de existirem tantas línguas no mundo e de essas se apresentarem sob formas tão diversas. Chomsky (1998), no entanto, resolve esse aparente paradoxo por meio de uma teoria a que ele denomina Princípios e Parâmetros. Princípios seriam as leis gramaticais universais, e que, portanto, devem ser obedecidas em todas as línguas naturais. Os Parâmetros, por outro lado, corresponderiam à variação entre as línguas. Tomemos o exemplo de três línguas bastante diversas no que diz respeito a um fenômeno gramatical, a saber, o do movimento de palavras interrogativas (ou palavras QU-):

- (1) *Português do Brasil*
- a. Quem_i você viu *t_i* ontem?
 - a'. Você viu quem ontem?
- Inglês*
- b. Who_i did you see *t_i* yesterday?
quem Aux você ver ontem
'(Quem) você viu (quem) ontem?'
- Chinês-Mandarim*¹
- c. Zuotian ni jiandao le shui?
ontem você ver Asp quem
'(Quem) você viu (quem) ontem?'

No Português do Brasil (PB), a palavra interrogativa 'quem' pode ocorrer após o verbo ou no começo da oração. No Inglês, ela obrigatoriamente ocorre no começo da

¹ Sou grata a Shumian Ye pelo dado.

oração. No Chinês-Mandarim, ela obrigatoriamente ocorre no final na oração, após a partícula aspectual associada ao verbo. Uma análise superficial nos leva a crer que essas línguas nada têm em comum. Uma análise profunda, por outro lado, nos revela que, nas três línguas, a palavra interrogativa “nasce”, ou é gerada, na posição de complemento do verbo. No caso do PB, o movimento dessa palavra para uma posição mais alta na estrutura é opcional. No caso do Inglês, o referido movimento é obrigatório. Finalmente, no caso do Chinês-Mandarim, esse movimento é proibido, e a palavra tem de permanecer na posição onde foi gerada. No Kaiowá, o padrão parece ser o mesmo do inglês, com a palavra interrogativa aparecendo no início da oração:

- (2) a. Mbaeichagua kyhapy (ha'e) o-kema?
 qual rede 3 3-dormir-Pas
 ‘Em qual rede ele dormiu?’
- b. Mbovy kunã (-kuera) (ha'e) o-hecha?
 quanto mulher-Pl 3 3-ver
 ‘Quantas mulheres ele viu?’

Se pensarmos em termos do processo de aquisição de linguagem pelo qual nós, seres humanos, passamos, a GU corresponde ao estado cognitivo inicial (S_0), que é uma abstração usada para explicar o período no qual ainda não fomos expostos à(s) nossa(s) futura(s) língua(s) materna(s). Sendo assim, os estados subsequentes, representados por $S_1, S_2... S_n$, dizem respeito aos diversos estágios do processo de aquisição de linguagem, que ocorrem de forma natural, já que os seres humanos são dotados de uma habilidade natural para adquirir pelo menos uma língua – a sua língua materna. Então, se uma pessoa nasce no Japão, por exemplo, vai desenvolver essa habilidade no sentido de adquirir a gramática do Japonês, e terá essa língua como sua língua materna, ou L1. Como nasci numa aldeia indígena cuja língua primeira era o Kaiowá, desenvolvi a minha habilidade natural no sentido de adquirir essa língua como minha língua materna. Mais tarde, ao entrar para a escola, iniciei o processo de aquisição do Português do Brasil como segunda língua. Sobre a GU e o processo de aquisição de língua, Chomsky (1998) afirma:

A aquisição de língua se parece muito com o crescimento dos órgãos em geral; é algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz. E, embora o meio ambiente importe claramente, o curso geral do

desenvolvimento e os traços básicos do que emerge são pré-determinados pelo estado inicial. Mas o estado inicial é uma posse comum aos homens. Tem de ser então que, em suas propriedades essenciais, as línguas são moldadas na mesma forma (p. 23).

Para este trabalho, especificamente, a noção de GU é muito importante, pois estou defendendo que, apesar de o Kaiowá ser uma “língua nua”, isto é, desprovida de artigos, e sem flexão obrigatória nos nomes, ainda assim é possível expressarmos definitude, indefinitude, genericidade, e as distinções singular-plural e massivo-contável, como veremos na seção 4. Isso equivale a dizer que, se a expressão de um significado é possível em uma língua, então também é possível em todas as outras, ainda que isso possa ocorrer às custas de uma maior complexidade (Von FINTEL; MATTHEWSON, 2008). No caso do Kaiowá, ficamos muitas vezes dependentes do contexto (seja sintático-semântico, seja situacional, pragmático) para podermos expressar essas noções que foram listadas acima, mas todas são produtivas na língua. Aliás, veremos que o tipo de plural optativo que ocorre em Kaiowá também ocorre em outras línguas, como o Chinês-Mandarim, mas que parece haver menos restrições ao seu uso em Kaiowá. Trataremos desse assunto com mais profundidade na seção 4.

2.2 Competência e criatividade

Noam Chomsky lançou mão de uma dicotomia – competência x desempenho – a fim de estabelecer seu objeto de estudo, isto é, a competência. De acordo com ele, a competência diz respeito ao conhecimento gramatical acumulado pelo falante de uma língua. O desempenho, ou *performance*, por outro lado, diz respeito ao uso propriamente dito desse conhecimento. Como o objetivo primordial do gerativismo é encontrar essa base comum a todas as línguas mencionada na subseção anterior, então o estudo da língua não pode se restringir à descrição do seu uso concreto (‘desempenho’). Ele deve se concentrar na competência, que é uma abstração e diz respeito a todas as possibilidades e impossibilidades de uma dada língua. Sendo assim, em Teoria Gerativa, trabalha-se muito com evidência negativa, isto é, dados que denominamos ‘agramaticais’ (indicados com um ‘*’), ‘degradados’ (indicados com ‘?’ ou ‘??’), ou ‘estranhos’ semanticamente falando (indicados com ‘#’), pois

eles podem nos revelar coisas interessantes sobre essa língua. A esse respeito, Miotto *et alii* (2004) escrevem:

A nossa teoria deve ser capaz de lidar também com sentenças que ainda não foram produzidas e, muito mais, com sequências de palavras (não-sentenças) que nunca ocorrerão, isto é, com a **evidência negativa** [...] Estudando só a performance, nossa teoria linguística seria deficiente pois jamais alcançaria o nível de predição que uma teoria deve alcançar (p. 21, grifos dos autores).

A propósito, é importante esclarecer que quando usamos os termos ‘gramatical’ e ‘agramatical’, não estamos nos referindo às regras prescritas pelos gramáticos tradicionais. Nesse sentido, então, é importante estabelecer o conceito de ‘gramática’ que estamos adotando. Miotto *et alii* (2004), por exemplo, explicam diferentes maneiras de se conceituar ‘gramática’. Uma delas é aquela à qual a maioria da população está acostumada: trata-se de um compêndio de regras “do bem falar e do bem escrever” (MIOTTO *et alii*, 2004, p. 16), que corresponde à variedade da língua conhecida como “norma culta” ou “padrão” e que prescreve o que é “certo” ou “errado” dizer. Não é esse o conceito que iremos utilizar. Podemos apontar pelo menos dois problemas em se adotar esse conceito de gramática: (i) um grupo muito restrito da população tem acesso a essa variedade dita padrão, mas, nem por isso essas pessoas deixam de aprender a sua própria língua e de se comunicarem de forma bem-sucedida nela, e (ii) as gramáticas tradicionais, no caso mais específico do Português do Brasil, caem diversas vezes em contradição ao fornecer definições inapropriadas aos termos da oração (cf. Perini (2005), que aponta haver mistura indiscriminada de critérios semânticos e morfossintáticos nessas definições), além de muitas vezes deixar de lado estruturas altamente produtivas na língua, como é o caso, por exemplo, das construções clivadas (“Foi o João que/quem me contou a fofoca”; “Quem me contou a fofoca foi o João”). Dentro de uma perspectiva gerativista, uma outra maneira de se conceituar ‘gramática’ é aquela que leva em conta a noção de ‘competência’, que já começamos a introduzir anteriormente. É a competência, ou seja, a gramática internalizada pelo falante nativo, de maneira natural, que o torna apto a julgar se uma determinada construção é possível (gramatical) ou impossível (agramatical) nessa língua.

Esse segundo conceito de gramática, que iremos adotar, está associado a outra noção crucial da Teoria Gerativa: a criatividade. Essa noção, em geral, é colocada em termos de um questionamento (cf. Chomsky, 1998): Como é que somos capazes de produzir sentenças que nunca produzimos antes? E como é que somos capazes de compreender, decodificar, sentenças que nunca escutamos antes? Esse questionamento de Chomsky foi inspirado em um questionamento do filósofo grego Platão (aprox. 424 a.C.-348 a.C.), que se perguntava o mesmo em relação ao conhecimento de um modo geral. Esse questionamento ficou conhecido na literatura como “O Problema de Platão”. A resposta é que somos capazes justamente por termos internalizado a gramática de nossa língua, e não simplesmente decorado palavras ou frases isoladas.

A minha história de vida exemplifica de modo perfeito o que foi resumido nestas duas subseções: nascida e criada em uma aldeia Kaiowá, fui exposta ao Kaiowá e, portanto, tenho essa língua como minha primeira língua, minha língua materna (L1). Passaram-se muitos anos até que eu tivesse algum tipo de instrução formal e explícita nessa língua, pois, aos seis anos, quando entrei para a escola, meu contato formal com uma língua se deu com o Português, que, para mim, é uma segunda língua. Ainda assim, praticamente sem essa instrução formal em Kaiowá, sinto-me apta a julgar dados dessa língua, mas não me sinto completamente apta para julgar dados (pelo menos não os mais complexos) do Português. Infelizmente, nos dias de hoje, com a crescente desvalorização das culturas indígenas, muitas crianças indígenas aprendem o Português do Brasil como primeira língua, e somente têm acesso à língua de seus pais e avós como línguas de herança. Essa é uma situação que pretendemos reverter aos poucos, procurando contribuir para o processo de revitalização das chamadas línguas sub-representadas ou minoritárias.

3. Metodologia

Este trabalho combinou técnicas de introspecção com elicitación de dados. Isso significa que atuei como consultora da minha orientadora – que atuou como elicitadora – ao mesmo tempo em que me debrucei e refleti sobre os dados. Também foi necessário, em alguns casos, tirar dúvidas com meu irmão Eldo Ramires, professor de Kaiowá na Aldeia Taquaperi, em Mato Grosso do Sul. Vale lembrar (esta informação se encontra na Apresentação) que não resido na minha aldeia de origem, e esse fato me impossibilitou de realizar um trabalho de campo de imersão, o que teria me possibilitado a coleta de narrativas ou de dados em situações reais de uso. Nesse sentido, numa realidade como a minha, a elicitación controlada (cf. Sanchez-Mendes, 2014) é uma ferramenta bastante útil, pois propicia a obtenção de dados de forma mais rápida e objetiva.

Vamos preferir adotar o termo “consultor” a “informante”. Este último adquiriu ao longo dos anos uma conotação pejorativa, fazendo lembrar um espião policial ou político (que não é o meu caso!), além de desvalorizar o papel do professor da língua, que, muitas vezes, também pode atuar como consultor. Também vamos preferir usar o termo “elicitación” a “eliciação”. Enquanto o uso do primeiro já está cristalizado em contextos de pesquisa sobre línguas sub-representadas (cf. Sanchez-Mendes, 2014), o segundo tem se firmado em contextos de pesquisa sobre o ensino formal de Português como língua materna (cf. Lobato1995; Guerra Vicente & Pilati, 2012). Ambos provêm da palavra latina *eliciare* ‘expulsar com esconjuros’ (dicionarioinformal.com.br), mas “elicitator” provavelmente chegou ao Português por intermédio do Inglês *elicit*, que significa “extrair informações ou reações”, de acordo com o *Cambridge Dictionary*.

De acordo com Bower (2008), alguns aspectos da língua somente se revelam por meio da elicitación: *They will appear in texts so seldom that it will be almost impossible to get enough information about them*² (p. 73). Ainda de acordo com a autora, a técnica de elicitación propriamente dita pode ser aplicada de formas variadas, que ela lista da seguinte maneira (substituímos dos dados do Turco do original por exemplos do Kaiowá):

Técnica	Exemplo
Verter sentenças para a língua-alvo	“Como você diz ‘As mulheres fizeram o bolo?’”

² Tradução livre: “Eles [os dados] aparecem tão raramente nos textos que é quase impossível obter informação suficiente sobre eles”.

Traduzir sentenças que já estavam na língua-alvo	“O que quer dizer <i>Kunã-kuera ojapo mbojape?</i> ” ³
Manipular dados (trocando uma palavra, ou a ordem das palavras, para verificar mudanças na estrutura)	“Eu tenho aqui a sentença <i>Kunã-kuera ojapo mbojape</i> . O que significaria <i>Kunã ojapo mbojape?</i> ” ⁴
Pedir julgamentos de gramaticalidade	“Esta sentença é boa? <i>Po kunã-kuera ojapo mbojape.</i> ” ⁵
Fazer perguntas sobre sentenças já elicitadas, ou provenientes de textos	“Eu tenho aqui uma sentença que é agramatical: <i>Ahecha heta tuguy-kuera yvype</i> . O que eu tenho que mudar para ela ficar boa?” ⁶
Usar ferramentas de estímulo, como figuras ou vídeos	(Ver os <i>storyboards</i> que serão apresentados mais adiante)
Fazer entrevistas semi-estruturadas	Conduzir diálogos na língua-alvo para elicitare certas palavras, tipos de construções, ou estratégias discursivas.
Produzir questionários	(Será apresentado mais adiante. Basicamente foi usado o questionário produzido por V. Dayal (em preparação) para a identificação de construções definidas e indefinidas)

Quadro 1 – Técnicas para eliciação de dados (Adapt. de Bower, 2008, p. 77-78)

Das técnicas acima, apenas não foram utilizadas, neste trabalho, entrevistas semi-estruturadas nem vídeos. A eliciação de dados se concentrou principalmente, mas não exclusivamente, em dados produzidos a partir do questionário *Identifying (In)definiteness: a questionnaire* (Dayal, em preparação), com a eventual utilização de apoio visual (desenhos e *storyboard*). Como a maioria dos itens do questionário estavam voltados para a identificação da (in)definitude em contextos de número singular, tivemos de fazer algumas adaptações para que também fossem contemplados contextos de número plural, por serem estes os alvos desta pesquisa. Esse questionário nos ajudou a examinar a questão da (in)definitude em relação aos seguintes contextos: (i) distinção entre artigos

³ Significa “(As) mulheres fizeram ø/um/o bolo(s)”.

⁴ Significa “Uma/A mulher fez ø/um/o bolo(s)” ou “Mulheres fizeram ø/um/o bolo(s)”.

⁵ Não é boa. É agramatical, pois numerais são incompatíveis com *-kuera*, o morfema opcional de número. A sentença gramatical é *Po kunã ojapo mbojape*, “Cinco mulheres fizeram ø/um/o bolo(s)”.

⁶ Para essa sentença ficar boa, é preciso retirar *-kuera*, o morfema opcional de número, pois *tuguy* ‘sangue’ não é contável nessa língua: *Ahecha heta tuguy yvype*. Essa sentença significa “Eu vi muito sangue no chão”.

(inexistentes na língua) e pronomes demonstrativos (abundantes na língua); (ii) distinção entre artigos e numerais (a possibilidade, com restrições, de o numeral *petei* ‘um’ poder funcionar como artigo indefinido); (iii) anaforicidade (introdução de personagem numa história e posterior retomada do mesmo); (iv) distinção entre definitude e especificidade; (v) substantivos genéricos X não-genéricos (“Vacac comem capim” X “Uma/A vaca come capim”); referência a espécie (do inglês *kinds*).

Bowern (2008) não menciona o uso de *storyboards* como possível técnica de elicitacão, talvez porque estas ainda não estivessem “em alta” há dez anos. Neste trabalho, utilizamos uma *storyboard*, com o intuito de distinguir a noção de ‘definitude’ da noção de ‘especificidade’ (ver anexos), pois se trata de uma distinção muito sutil. De acordo com Burton & Matthewson (2015), *storyboards* são representacões pictóricas de histórias, que os consultores terão de contar usando as suas próprias palavras. Essas histórias, em um determinado momento, “forçam” o consultor a usar uma certa construçã, que é o objeto de estudo do linguista. Dessa maneira, a técnica, ao mesmo tempo em que propicia um uso mais natural e espontâneo da língua, também permite o estudo de construçõs linguísticas mais específicas. Os autores sugerem um passo a passo para quem quiser trabalhar com essa técnica:⁷

- (i) Primeiro, o linguista passa por todos os desenhos enquanto conta a história para o falante na língua de contato [no nosso caso, o Português]. Isso ajuda o falante a ver qual é a intencão de cada desenho.
- (ii) Opcional: o falante ensaia contar a sua própria versã da história na língua-alvo. Nesse estágio, o falante pode ter que refletir um pouco sobre as palavras e frases que vai usar.
- (iii) Uma vez que o falante se sinta à vontade para contar a história, o linguista grava a história com o falante.
- (iv) O linguista irá provavelmente querer fazer perguntas complementares, voltando à história e elicitando mais dados positivos e negativos em vários pontos; essas perguntas complementares podem ser feitas imediatamente ou na sessã de elicitacão seguinte, a combinar.

⁷ Traduçã livre do passo a passo (Burton & Matthewson, 2015, p. 146).

No caso mais específico deste trabalho, não usamos o gravador em ocasião alguma. Isso varia de pesquisador para pesquisador e, além de tudo, para a elicitación e a discussão posterior dos dados, tivemos de contar com o recurso de videoconferência do aplicativo WhatsApp, por termos trabalhado a distância na maior parte de tempo.

Na próxima seção, apresento o meu problema de pesquisa, que diz respeito à expressão de número nominal e à expressão da (in)definitude no Kaiowá. A maioria dos dados concernentes à questão da (in)definitude, como afirmei, foram elicitados com base no questionário de Dayal (em preparação). Os dados mais diretamente associados à questão da marcação opcional de plural foram pensados por nós mesmas (minha orientadora e eu), já que o foco do questionário de Dayal era a identificação da (in)definitude em construções no singular.

4. Apresentação do problema de pesquisa, descrição e análise

O Kaiowá é uma língua sem artigos definidos ou indefinidos. A marcação opcional de plural, feita com o acréscimo do morfema *-kuera*, em posição pós-nominal, tem sido relacionada à expressão de definitude. Em outras palavras, os poucos trabalhos que mencionam esse morfema têm associado a sua presença a contextos definidos (cf. Carvalho, 2017). Nesta seção, após dar uma palavra sobre determinantes, passaremos a expor o raciocínio de que essa generalização não faz as previsões adequadas para essa língua. Primeiro, vamos mostrar que *-kuera* é, de fato, um morfema de plural (e não uma partícula ou um coletivizador). Em seguida, vamos mostrar que o sintagma nominal nu do Kaiowá é “multi-tarefa”, ambíguo, podendo, a depender do contexto, expressar singular e plural, e definitude, indefinitude, genericidade e espécie (*kind*). Por fim, mostro que a presença de *-kuera* não é banida dos contextos não-definidos.

4.1 Sobre determinantes

Enquanto no Português Brasileiro (PB) há contextos sintático-semânticos que recusam ou exigem a presença de determinantes – aqui entendidos como artigos definidos e indefinidos –, no Kaiowá simplesmente não existem tais elementos. Essa é uma característica bastante comum nas línguas, mesmo em línguas não-aparentadas e bem distintas das línguas Tupi-Guarani, como é o caso do Chinês-Mandarim, Tcheco, Hindi, Russo, só para citar algumas.

Para os falantes dessas línguas sem determinantes, é um pouco difícil o processo de aquisição de uma língua com determinantes. Para mim, foi (e é, pois ainda é difícil) útil pensar nas definições fornecidas pelas gramáticas tradicionais e livros didáticos. No PB, por exemplo, quando o ser denotado pelo substantivo não é um indivíduo/ser em particular, usa-se o artigo indefinido, que apresenta flexão para gênero e número: ‘um’, ‘uma’, ‘uns’, ‘umas’:

- (1) a. João comprou um/uns livro(s).
 b. João comprou uma(s) revistas.

Por outro lado, se queremos ressaltar um indivíduo/ser em particular, usamos o artigo definido, que apresenta formas distintas para o masculino e o feminino, e também se flexiona para número: ‘o’, ‘a’, ‘os’, ‘as’:

- (2) a. João comprou o(s) livro(s) de sintaxe [que a professora pediu].
 b. João comprou a(s) revista(s) de culinária [que foram lançadas esta semana].

Mas há no PB, também, como descrevem, por exemplo, Quadros Gomes e Sanchez Mendes (2018), orações sem determinantes realizados que são gramaticais. É o caso de (3), uma sentença no plural, em que se descreve o “comportamento generalizado para todo e qualquer cachorro” (o exemplo é das autoras, p. 59):

- (3) Cachorros perseguem gatos.

Enquanto (3) é uma oração genérica, as orações (1) e (2) são orações episódicas, “porque descrevem situações únicas, que não se repetem, estão ancoradas no tempo e no espaço, e envolvem participantes particulares” (QUADROS GOMES; SANCHEZ MENDES, 2018, p. 59). Pode até ser que João saia na semana que vem para novamente comprar um/uns/o(s) livros e/ou uma(s)/a(s) revista(s) mas se tratará obrigatoriamente de um evento distinto do que ocorreu, digamos, ontem, e os objetos adquiridos não serão exatamente os mesmos.

É interessante notar que no PB (mas não no Português Europeu, por exemplo), a oração (3) também fica boa com a mesma interpretação genérica com os substantivos no singular:

- (4) Cachorro persegue gato.

Não vou me alongar na descrição do PB, pois não é esse o objetivo do meu trabalho. Caso seja do interesse do leitor, sugiro a leitura, por exemplo, do capítulo intitulado “O Sintagma Nominal”, do livro *Para Conhecer Semântica*, de Quadros Gomes e Sanchez Mendes (2018), no qual as autoras fazem uma ampla descrição do

sintagma nominal do Português – é bastante oportuna a comparação que fazem entre o PB e o Português Europeu.

O objetivo dessa breve descrição foi o de abrir caminho para o objetivo central desta dissertação, que é o de descrever o sintagma nominal do Kaiowá, principalmente no que diz respeito à expressão do número e da (in)definitude.

4.2 O Kaiowá, uma “língua nua”

O Kaiowá é uma “língua nua” (do inglês, *bare language*), e isso equivale a dizer que se trata de uma língua em que o sintagma nominal (um núcleo substantivo e os termos que gravitam ao redor dele) se apresenta desprovido, despido (!) de artigos, tanto definidos quanto indefinidos – apesar de, muitas vezes, o numeral *petei* ‘um’ poder apresentar essa função. Os pronomes demonstrativos, aqueles que usamos para “apontar” para seres e objetos, no entanto, são abundantes na língua. Os exemplos a seguir ilustram, respectivamente, orações contendo: um sintagma nominal nu (5), o numeral *petei* ‘um’ fazendo as vezes de artigo indefinido (6) e os demonstrativos proximais *pea* e *koa*⁸ e o distal *amoa* (7):

- (5) *Che a-hecha kuation haypyre yvy-pe.*
 1 1-ver papel_escrito_por_alguém chão-Loc
 ‘Eu vi um livro no chão.’
 ‘Eu vi o livro no chão.’
 ‘Eu vi livros no chão.’
 ‘Eu vi os livros no chão.’
- (6) *O-iko va'e-kue ø / petei kunã hérava Mani.*
 3-existir tempo-passado um_{INDEF} /um_{NRL} mulher chamado Mani
 ‘Era uma vez, uma mulher chamada Mani.’ [“A Lenda da Mandioca”]
- (7) a. *Che a-hecha pea kuation haypyre yvy-pe*
 1 1-ver este papel_escrito_por_alguém chão-Loc
 ‘Eu vi este livro no chão.’
- b. *Che a-hecha koa kuation haypyre yvy-pe*
 1 1-ver esse papel_escrito_por_alguém chão-Loc

⁸ Sabe-se que o falante do Português Brasileiro está perdendo a intuição que diferencia os demonstrativos ‘este’ e ‘esse’. No entanto, para fins de glosa, vou manter a distinção.

‘Eu vi esse livro no chão.’

- c. *Che a-hecha amoa kuation haypyre yvy-pe*
 1 1-ver aquele papel_escrito_por_alguém chão-Loc
 ‘Eu vi aquele livro no chão.’

Como podemos observar, o exemplo (5) ilustra um dos meus “problemas de pesquisa”, isto é, uma das questões que pretendo explorar neste trabalho: o fato de, no Kaiowá, o nominal poder denotar tanto singular quanto plural, bem como definitude e indefinitude. Em línguas como o Português, por exemplo, e isso se observa nas possíveis glosas para (5), essas distinções se fazem por meio de marcas gramaticais, como a marca de número -s, para indicar plural, ou a ausência desta, para indicar singular, e pelo uso do artigo definido ou indefinido, que, além de tudo, ainda varia para gênero e número: “um”, “uma”, “uns”, “umas”; “o”, “a”, “os”, “as”. No Kaiowá, todas essas informações devem ser extraídas do contexto situacional ou semântico-sintático.

O exemplo (6), por outro lado, força uma interpretação indefinida, pois a sentença introduz um novo referente discursivo, isto é, “uma mulher”, da qual ouvimos falar pela primeira vez. De acordo com Dayal (em preparação), contextos com contação de histórias são úteis para testar a possibilidade de nominais nus introduzirem novos referentes, já que impedem a possibilidade de haver conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte. Nesse exemplo, notamos que o numeral *petei* ‘um’ também pode denotar indefinitude. Aliás, parece ser uma propriedade comum nas línguas essa homofonia entre o numeral e o artigo indefinido. Como se pode notar pela glosa do exemplo em questão, é justamente o que acontece no Português. No caso do Kaiowá, no entanto, a alternância se dá entre a ausência de artigo e a presença do numeral. Outra língua nua, e que se comporta como o Kaiowá, por exemplo, é o Hindi, que, em contextos indefinidos, alterna entre a ausência de artigo e a presença do numeral *ek* ‘um’ (c.f. Dayal, 2004). No entanto, testes de escopo sob negação nos revelam que esse numeral não se comporta exatamente como um indefinido:

- (8) a. *Che nd-a-hecha-i ø kuation haypyre yvy-pe.*
 1 Neg-1-ver-Neg um_{INDEF} papel_escrito_por_alguém chão-Loc
 ‘Eu não vi um_{INDEF} livro no chão.’
- b. *Che nd-a-hecha-i petei kuation haypyre yvy-pe.*

1 Neg-1-ver-Neg um_{NRL} papel_escrito_por_alguém chão-Loc
 ‘Eu não vi um_{NUM} livro no chão.’

(8a) é compatível com uma situação em que nenhum livro foi visto no chão ($\neg\exists$). Aliás, de acordo com o julgamento da minha orientadora, falante nativa do Português Brasileiro, nessa leitura, indefinida, essa oração soaria mais natural em suas versões com singular ou plural nu: ‘Eu não vi livro no chão’ ou ‘Eu não vi livros no chão’. Mas a construção também é boa se “um” for enfatizado: ‘Eu não vi UM livro no chão’. (8b), por outro lado, é compatível com uma situação em que um livro não foi visto, mas outros podem ter sido vistos ($\exists\neg$). Outros testes revelam que o nome nu e aquele modificado por *petei* não são exatamente intercambiáveis:

- (9) a. \emptyset *Vaka o-karu kapi'ire.*
 vaca 3-comer capim
 ‘Vaca come capim.’
 ‘Vacas comem capim.’
 (Mas também ‘A vaca come capim’ e ‘As vacas comem capim’)
- b. #*Petei vaka o-karu kapi'ire*
 um_{NRL} vaca 3-comer capim
 # ‘Um_{NRL} vaca come capim.’

Pelos exemplos acima, nota-se que a versão sem o numeral é passível de obter interpretação genérica, mas naquela em que o numeral está presente essa leitura é impossível. (9b) não é estruturalmente ruim, mas teria de se referir a uma situação em que há várias vacas numa determinada chácara, e que somente uma delas se alimenta de capim.

Voltando aos exemplos em (7), eles nos mostram que o Kaiowá é abundante em pronomes demonstrativos. De acordo com Dayal (em preparação), artigos definidos evoluíram diacronicamente a partir de pronomes demonstrativos. A autora argumenta que quase todas – se não todas – as línguas possuem demonstrativos, embora muitas não apresentem artigos definidos. Sendo assim, para afirmarmos com certeza que o Kaiowá é uma língua nua, é preciso provar que os demonstrativos dessa língua não podem funcionar como artigos definidos. O teste abaixo nos mostra que a palavra

kuarahy ‘sol’ pragmaticamente não aceita a companhia de um pronome demonstrativo, pois o conhecimento de mundo estabelece que essa palavra se refere a um ser único:

- (10) a. #*Koa kuarahy hendy verá ko'anga.*
 aquele sol brilhar hoje
 # ‘Aquele sol está brilhando hoje.’
- b. *ø Kuarahy hendy verá ko'anga.*
 sol brilhar hoje
 ‘O sol está brilhando hoje.’

O Kaiowá também se aproxima de línguas nuas como o Hindi e o Russo (c.f. Dayal, 2004) pelo fato de apresentar marcação nominal de número: *-kuera*, presente também em outras línguas Tupi-Guarani. No entanto, o Kaiowá se distancia do Hindi e do Russo pelo fato de *-kuera* ser um morfema opcional, diferente do que acontece nessas línguas. Sendo assim, em um exemplo como (5), que retomo aqui como (11), *-kuera* também pode estar presente, desde que nas leituras de plural:

- (11) *Che a-hecha kuatia haipyre(-kuera) yvy-pe.*
 1 1-ver papel_escrito_por_alguém-Pl chão-Loc
 ‘Eu vi livros no chão.’
 ‘Eu vi os livros no chão.’

Com isso, chegamos ao nosso segundo problema de pesquisa, porém relacionado ao primeiro (isto é, nominais nus denotando singular x plural, definitude x indefinitude), que é essa marcação opcional, porém não aleatória, de número, com *-kuera*. Esse morfema, por alguns considerado uma partícula (c.f. Cardoso, 2008), ou ainda um “morfema coletivizador” por outros (c.f. Viegas, 2017; Mejia, 2017) combina-se com substantivos de todos os tipos (próprios, comuns, definidos, indefinidos etc.) e com pronomes pessoais. Sua ocorrência tem sido tradicionalmente associada a uma leitura de grupo, de coletivo. Há quem diga, também, que seu uso está restrito a contextos definidos (c.f. Carvalho, 2017). Argumentamos, entretanto, com o suporte de dados originais, que *-kuera* se trata de um morfema genuíno de

plural (ainda que não exatamente igual ao *-s* do Português, pois ao que tudo indica a forma não-flexionada é neutra para número), e que sua ocorrência não está restrita a contextos definidos.

Isso posto, minha tarefa, a partir de agora, é a de dar conta das questões que foram aqui apresentadas: (i) a marcação nominal opcional de número e (ii) a expressão da definitude e da indefinitude em uma língua nua como o Kaiowá.

4.2.1 A marcação nominal opcional de número no Kaiowá

Pouco se fala sobre a marcação nominal opcional de número no Kaiowá e nas línguas Tupi-Guarani de uma forma geral. Os poucos trabalhos que mencionam esse marcador no Kaiowá (CARDOSO, 2008; BARROS, 2014; CARVALHO, 2017; VIEGAS, 2018) não o classificam como um morfema de plural propriamente dito, mas como uma “partícula pluralizadora” ou um “coletivizador”. Contudo, argumentamos que *-kuera* é um morfema de plural genuíno (embora não se comporte exatamente como o *-s* do português e do inglês, por exemplo), com base em evidências que apresentaremos a seguir.

Antes de tudo, é preciso justificar a escolha da classificação desse elemento como “morfema” e não “partícula”. Um dos testes diferenciadores, e ao qual iremos nos deter neste trabalho, diz respeito à possibilidade de o elemento em questão apresentar alomorfia. É, de fato, o caso de *-kuera*, cujo alomorfe, *-guera*, pode suceder palavras terminadas com som nasal, como é o caso de *kunã* ‘mulher’:

- (12) *A-hecha kunã (-guera/-kuera)⁹ aty-pe.*
 1-ver mulher-Pl reunião-Loc
 ‘Eu vi (as) mulheres na reunião.’

Assim, em função de *-kuera* se comportar como uma forma presa, dependente do item lexical que o antecede, passaremos a chamá-lo, daqui por diante, exclusivamente de “morfema de número” ou “morfema de plural”.

⁹ Parece haver variação entre os falantes.

O uso de *-kuera* como morfema opcional de plural é bastante produtivo. Notamos haver apenas duas situações em que seu uso é banido: na presença de numerais (13) e com substantivos que denotam massa (14):

(13) *A-hecha po kunã (*-guera/*-kuera) mbo'eroy-pe.*
 1-ver cinco mulher-Pl ensinar-Loc
 'Eu vi cinco mulheres na escola.'

(14) *A-hecha heta. tuguy (*-kuera) yvy-pe.*
 1-ver muito sangue-Pl chão-Loc
 'Eu vi muito sangue no chão.'

Sendo assim, pode-se dizer que *-kuera* e a sintaxe dos numerais constituem o *locus* da distinção massivo-contável no Kaiowá.

Outra propriedade é a possibilidade de combinar-se a pronomes pessoais. A forma do pronome 'eles', 'elas' já está cristalizada e, em princípio, apresenta-se normalmente acrescida de *-kuera*: *ha'e-kuera*. A primeira e segunda pessoas do plural, por sua vez, podem ou não ocorrer acrescidas de *-kuera*:

(15) *Ore (-kuera) ro-japo mbojape.*¹⁰
 1 -Pl 1-fazer bolo
 'Nós fizemos bolo.'

De acordo com Iljic (1994), que estudou o “morfema coletivizador” do Chinês-Mandarim, *-men*, a incompatibilidade observada entre numerais e esse tipo de morfema dever-se-ia à ideia de que “agrupar e contar seriam de fato duas operações contraditórias” (p. 109). No entanto, vamos discordar de Iljic, tendo por base alguns testes que realizamos com sentenças contendo *-kuera*. Além disso, outras análises para o Chinês-Mandarim (ver por exemplo Li, 1999; Kurafuji, 2004; Jiang, 2017) argumentam que *-men* é, de fato, um marcador de plural. O teste em (16), por

¹⁰ O Kaiowá apresenta distinção entre 1ª pessoa do plural inclusiva e exclusiva, mas por ora não nos debruçaremos sobre este assunto. *Ore* corresponde à forma exclusiva. Sem dúvida, é uma questão que precisa ser explorada.

exemplo, mostra que *-kuera* pode co-ocorrer com *aty*, a palavra lexical para ‘grupo’, ‘agrupamento’, ‘juntar’, ‘ajuntamento’, ‘reunião’, e também já havia sido aplicado ao Mandarim (17) (Hsieh, 2008 apud JIANG, 2017, p. 198):

- (16) *ø/Petei aty potei kunã (-guera/-kuera)*¹¹
 Um_{INDEF}/Um_{NRL} grupo seis mulher-Pl
 o-nembo-aty mbo’eroy-pe.
 3-Rec-reunir ensinar-Loc
 ‘Um grupo de seis mulheres se reuniu na escola.’
- (17) *Mandarim*
Ta zai gen yi qun haizi-men wan.
 he in with one Cl_{GROUP} child-MEN play
 ‘Ele está brincando com um grupo de crianças.’

Esse teste é interessante porque mostra que, apesar de haver a possibilidade de se gerar um efeito de agrupamento, *-kuera* (bem como *-men*) não deve ser traduzido como ‘grupo’. Trata-se de evidência adicional para a hipótese de que se trata de um morfema funcional, e não de uma palavra lexical.

Além disso, ainda que intuitivamente a presença de *-kuera* favoreça uma leitura agrupadora, é possível cancelar esse efeito ressaltando-se indivíduos do grupo:

- (18) *A-hecha kunã (-guera/-kuera) aty-pe,*
 1-see mulher-Pl reunião-Loc
 ha mokoi nte o-gueraha tembi’u.
 e dois só 3-trazer comida
 ‘Eu vi (as) mulheres na reunião, mas só duas trouxeram comida.’

Uma propriedade interessante que se observa no Kaiowá e também no Mandarim e em outras línguas, como o Japonês, o Bangla, o Húngaro e o Afrikaans, entre outras (JIANG, 2017), é a do chamado “plural associativo”. Nesse caso, *-kuera* se junta a um nome próprio cujo referente é um ser humano:

¹¹ Interessantemente, na presença de *aty*, a configuração [numeral N-*kuera*] parece ser permitida. Esse é um enigma que ainda estamos tentando compreender.

- (19) a. *Maria-kuera o-ho o-johei ijao ygua-pe*
 Maria-Pl 3-ir 3-lavar roupa lagoa-Loc
 ‘Maria e sua família ou amigas ou associadas¹² foram lavar roupa na lagoa.’
- b. *[José ha Pedro]-kuera o-ho o-jo-poi ysyri-pe*
 José e Pedro-Pl 3-ir 3-pegar peixe rio-Loc
 ‘José, Pedro e sua família ou amigos ou associados foram pescar no rio.’

Além disso, há também uma possibilidade mais óbvia, que é a do “plural aditivo” (terminologia também utilizada por Jiang (2017)), que também acontece na maioria das línguas (Português, inclusive):

- (20) *Maria-kuera o-ho o-johei ijao ygua-pe*
 Maria-Pl 3-ir 3-lavar roupa lagoa-Loc
 ‘As Marias foram lavar roupa na lagoa.’

Nesse caso, supõe-se que um grupo de mulheres, todas chamadas Maria, foram lavar roupa na lagoa.

Dentro de uma abordagem gerativista, faz-se necessário um estudo comparativo das línguas, já que um dos objetivos primordiais dessa teoria é encontrar uma base linguística universal. Já vimos, a partir do que foi dito até agora nesta seção, que *-kuera* apresenta várias semelhanças com morfemas do mesmo tipo (que denotam grupos) presentes em outras línguas. Observamos, também, haver diferenças de análise para esse elemento, como também ocorre nos trabalhos feitos sobre o Kaiowá. Para o caso específico do Mandarim, há análises bem divergentes, como é o caso da análise de Iljic (1994), de um lado, e as de Li (1999), Kurafuji (2004) e Jiang (2017), por outro, sendo que também esses três últimos divergem entre si em alguns aspectos de ordem mais teórica.

¹² Seguindo a sugestão de tradução de Moravcsik (2003, apud Jiang, 2017).

Para efeitos deste trabalho, apresento, abaixo, um quadro comparativo entre *-kuera* e *-men*, tomando por base os trabalhos de Li (1999), Kurafuji (2004) e Jiang (2017), que, como eu, também analisam esse elemento como um morfema de plural (ao contrário de Iljic (1994), que o analisa como um coletivizador):

	<i>-men</i> (Mandarim)	<i>-kuera</i> (Kaiowá)
(i)	Basicamente só pode ser usado com palavras que denotam seres humanos. Substantivos que denotam seres inanimados não aceitam a sua presença, a não ser que estejam antropomorfizados (i.e., que adquiram a forma humana) (Li, 1999).	<i>-kuera</i> pode ocorrer com substantivos que denotam seres animados e inanimados. Apenas não podem ocorrer com substantivos que denotam massa e nem na presença de numerais se estiverem dentro do mesmo sintagma nominal. Essas parecem ser as únicas restrições a seu uso.
(ii)	Quando ocorre com pronomes, <i>-men</i> se comporta como um morfema de plural (Li, 1999).	Idem. Mas no caso da terceira pessoa do plural, a forma <i>ha'e-kuera</i> 'eles'/'elas' já está cristalizada.
(iii)	Quando está sufixado a um nome próprio, pode se referir a indivíduos com características semelhantes (da mesma família, por exemplo, ou que compartilhem o mesmo nome próprio (Li, 1999).	Idem.
(iv)	Substantivos/pronomes modificados por <i>-men</i> podem co-ocorrer com <i>dou</i> (grosso modo 'cada'), que tem sido analisado como um marcador distributivo (Li, 1999).	Ainda é necessário verificar.
(v)	<i>-men</i> não é totalmente incompatível com classificadores de numerais; algo como 'I invited them three for a meal.' (Li, 1999).	O Mandarim possui classificadores de numerais, ao contrário do Kaiowá. O que observamos é que a palavra/morfema <i>aty</i> 'grupo', 'reunião' não é incompatível com <i>-kuera</i> .
(vi)	<i>-men</i> funciona tanto como um morfema de plural quanto como um determinante definido (Li, 1999; Kurafuji, 2004). Para Jiang (2017), <i>-men</i> também é um morfema de plural, mas a definitude não é inerente a <i>-men</i> .	Defendo que <i>-kuera</i> é um morfema de plural. Diferentemente de <i>-men</i> , <i>-kuera</i> é licenciado em contextos indefinidos, além de contextos definidos.

(vii)	<i>-men</i> é compatível com classificadores de grupo (Jiang, 2017).	Tudo indica que ocorre o mesmo em Kaiowá. Rever (v) acima.
(viii)	A configuração [N- <i>men</i> Num Cl] é apositiva. Aqui, a presença de <i>-men</i> é obrigatória. O sintagma recebe uma interpretação definida (Jiang, 2017).	Ainda não tive a oportunidade de verificar construções apositivas.
(ix)	[Substantivo comum + <i>-men</i>] pode receber interpretação genérica. Nesse caso, <i>-men</i> é opcional e a interpretação genérica é favorecida com nomes nus. Mas [Nome comum + <i>-men</i>] também pode receber uma interpretação definida (Jiang, 2017).	[Substantivo comum + <i>-kuera</i>] pode receber ambas as interpretações. Em princípio, não há uma interpretação favorecida por nenhum dos dois contextos.
(x)	N <i>-men</i> pode receber interpretações definidas e genéricas, mas nunca indefinidas ou de espécie.	N <i>-kuera</i> pode receber interpretações definidas, indefinidas, genéricas e de espécie.

Quadro 2 – Comparação entre o Mandarim e o Kaiowá: *-men* e *-kuera*

Na próxima seção, tratamos do segundo problema de pesquisa, já adiantado nos itens (ix) e (x) da tabela acima, ou seja, a questão da expressão da definitude e da indefinitude em uma língua nua. Serão dois os meus objetivos: em 4.2.2, mostrar que a distinção está presente em uma língua nua e, em 4.2.3, mostrar que a ocorrência de *-kuera* não está restrita a contextos definidos.

4.2.2 (In) definitude, genericidade, espécie

Com base no questionário de Dayal (em preparação), identifiquei contextos definidos, indefinidos, genéricos e de espécie, independentemente de estes estarem no singular ou no plural. Trata-se, portanto, de, neste primeiro momento, apenas identificar esses contextos na língua.

Contexto 1: reconhecimento da possibilidade de ambiguidade entre contextos definidos e indefinidos:¹³

- (21) *Koty mbo'ehao-pe, ø mbo'ehara oi o-mbosako'i ø*
 quarto ensinar-Loc DEF/INDEF professor estar 3-preparar DEF/INDEF
 temimbo'erã.
 aula
 'Na sala de aula, o/um professor estava preparando aula.'

Contexto 2: introdução de referentes no discurso e retomada anafórica:

- (22) *ø mitã kuimba'e ha ø mitã kunã o-ike koty mbo'ehao-pe.*
 DEF/INDEF jovem homem e DEF/INDEF jovem mulher 3-entrar quarto ensinar-Loc
ø mitã kuimba'e o-guapy.
 DEF/INDEF jovem homem 3-sentar
 'Um menino e uma menina entraram na sala de aula. O menino se sentou.'

[Nesse caso, se o menino e a menina já tivessem sido introduzidos no discurso, também seria possível a tradução 'O menino e a menina entraram na sala de aula'. Mas como continuação, a construção '#Um menino se sentou' ficaria semanticamente estranha. Então, a tradução para a retomada deve ser sempre um contexto definido]

- (23) *O-iko va'e-kue ø kunã hérava Mani.*
 3-existir tempo-Pas DEF/INDEF mulher chamado Mani
 'Era uma vez, uma mulher chamada Mani.'
Petei árape, ø kunã hasyete ha o-paicha o-jejapo hese
 Um dia DEF/INDEF mulher adoecer e 3-todo mundo 3- fazer tudo
o-guera hagua.
 3-curar poder
 'Um dia, a mulher adoeceu e todo mundo fez tudo que podia para curá-la.' ('A Lenda da Madioca')

[O contexto de contação de histórias é perfeito para introduzir referentes. Em 'Era uma vez, uma mulher...' não caberia nunca uma construção definida. Por outro lado, a continuação, que faz a retomada, deve ser sempre um contexto definido]

Contexto 3: possibilidade de denotar especificidade com partitivos:

- (24) *Ana o-gueru (peteiva) kuation-haipyre ha kuation-ne'e-reheguava ha o-me'e*
 Ana 3-trazer algum livro e revista e 3-dar

(petei) kuation-haipyre ikivyrabe ha (petei) kuation-ne'e aguyru kunã-pe.
 (um) livro irmão_dela e (um) revista amigo mulher-Loc

¹³ Lembrar que em todos esses contextos indefinidos, o numeral *petei* 'um', 'uma' também é permitido. Porém, como mostramos anteriormente, com testes com negação, não se trata de um artigo indefinido no sentido estrito.

Hembyre ha'e o-nongatu.

resto 3 3-guardar/ficar

‘Ana trouxe alguns livros e revistas. Ela deu um livro para o irmão dela e uma revista para a amiga dela. O resto ela guardou/ficou para ela.’

[Esse exemplo introduz a noção semântica de ‘indefinido específico’. Os livros e revistas já foram introduzidos na primeira oração e estão sendo retomados na continuação. Sabemos que há livros e revistas, mas não sabemos exatamente quais, dentre eles, foram dados ao irmão e à amiga dela. Não fica claro, no entanto, se a possibilidade de uso do numeral *petei* indica ênfase na quantidade ou indefinidade específica. É algo que precisa ser melhor investigado]

Contexto 4: possibilidade de distinguir definitude de especificidade:¹⁴

- (25) *Petei/ø che hente o-mano-ro a-pytata, che mba'eretavaro*
 umNRL /umINDEF 1 pessoa 3-morrer-Fut 1-ficar 1 cheia_de_coisas
 ‘Se uma pessoa da minha família morrer, eu fico rica.’

[Como a diferença entre definitude e indefinidade específica é bastante sutil, minha orientadora usou a *storyboard* (ver anexos) para eliciar essa sentença e seus significados. Há duas interpretações para essa sentença. A mais fácil para mim foi a indefinida específica: Se qualquer (uma) pessoa da minha família morrer, eu fico rica. Para a outra, em que há uma determinada pessoa rica na minha família que deve morrer para eu me tornar rica, foi preciso imaginar o seguinte cenário: estou contando a uma pessoa que não é da minha confiança que se uma pessoa da minha família morrer, eu fico rica. No entanto, quero manter a identidade desse meu parente em sigilo, pois tenho medo que a pessoa a quem estou contando possa fazer fofoca e colocar a vida desse meu parente em perigo. Se esse cenário não for “montado”, a tendência é querer produzir uma sentença do tipo *Petei/ø che tio [ou qualquer outra relação familiar] omanoro apytata, che mba'eretavaro* ‘Se um tio meu morrer, eu fico rica’, em que se revela a identidade do parente (também é uma leitura definida, mas aí se perde a ambiguidade pretendida)]

Contexto 5: possibilidade de gerar leituras genéricas, ou seja, interpretações que se aplicam à maioria dos membros de uma espécie. Em geral, indicam hábitos, costumes etc.:

- (26) a. *Jagua meme ro'u pyry-ru*
 cachorro sempre comer pé-contêiner
 ‘Um_{INDEF} cachorro sempre come sapato(s).’/ ‘Cachorros sempre comem sapatos.’

¹⁴ Agradecemos a Gennaro Chierchia (c. p.) pelo exemplo.

[O Português do Brasil também aceita uma tradução com o singular nu; aliás, no julgamento da minha orientadora, essa é a opção que melhor traduz a interpretação genérica, e corresponde exatamente à glosa palavra-por-palavra nesse dado: ‘Cachorro sempre come sapato’. (26a) também permite a leitura definida, desde que se saiba exatamente de que cachorro(s)/sapato(s) estamos falando: ‘O(s) cachorro(s) sempre comem (o)(s) sapato(s)’]

- b. #*Petei jagua meme ro'u pyry-ru*
 um_{NRL} cachorro sempre come pé-contêiner
 # ‘Um cachorro sempre come sapato.’

[Essa sentença é marcada como “semanticamente estranha”, porque para ser boa, teríamos de pensar num contexto muito específico para ela. Imaginemos a situação seguinte, no mínimo inusitada: Há dez cachorros em um determinado abrigo. Em dias de trovão, eles sempre se alternam para acalmar os nervos comendo um único sapato que se encontra ali. Mas é sempre *um* de cada vez. Com esse dado, queremos demonstrar que o numeral *petei* é banido em contextos genéricos]

Contexto 6: possibilidade de gerar leituras de espécie (*kind*), ou seja, interpretações que se aplicam a todos os membros de uma espécie:

- (27) a. *Kaguare ha'e mymba o-pa-tama.*
 tamanduá 3 animal 3-Concl-acabar
 ‘O tamanduá é um animal extinto.’
 ‘Tamanduás estão extintos.’
- b. #*Petei kaguare ha'e mymba o-pa-tama*
 um tamanduá 3 animal 3-Concl-acabar
 # ‘Um_{NRL}/um_{INDEF} tamanduá é um animal extinto.’
 # ‘Um_{NRL}/um_{INDEF} tamanduá está extinto.’

Tendo demonstrado que é possível identificar e obter leituras definidas, indefinidas, genéricas e de espécie em uma língua sem artigos como é o Kaiowá, passamos à nossa tarefa seguinte, que é demonstrar que a possibilidade de ocorrência do morfema opcional de número, *-kuera*, não está restrita a contextos definidos.

4.2.3 (In) definitude e marcação opcional de número

Argumentamos que a ocorrência de *-kuera* é opcional, porém, não exatamente aleatória. A delimitação de contextos que favorecem a presença desse morfema será

deixada de lado neste trabalho, pois acredito que, para concretizar essa tarefa, eu tenha de coletar dados espontâneos mais contextualizados ou produzidos em narrativas orais. Como eu já havia mencionado, os dados selecionados para este trabalho foram elicitados por meio de questionário, desenhos e uma *storyboard*, resultando em dados de introspecção, minha e de meu irmão Eldo Ramires. Esta seção, portanto, se restringe a contestar uma generalização que condiciona a presença de *-kuera* a contextos definidos.

Há, até onde sei, duas tentativas de generalização para a presença/ausência desse morfema. Uma encontra-se em Viegas (2017, p. 45), e é feita de forma impressionista. Segundo a autora, *-kuera* “possui um caráter mais enfático nos discursos em que ocorre”. A outra, encontra-se em Carvalho (2017), e defende que *-kuera* estaria restrito a contextos nos quais o nome ao qual está atrelado tem de ter uma interpretação definida. Dentro desse raciocínio, a presença de *-kuera* em contextos semanticamente genéricos e indefinidos seria proibida. Carvalho, no entanto, apenas fornece dois exemplos em seu trabalho, que é sua dissertação de mestrado. O primeiro desses exemplos é passível de contestação, e o segundo está descontextualizado:

- (28) a. *Mbowy kunã (*-kuery)¹⁵ o-gwahe*
 quantos mulher (-Pl) 3-chegar
 ‘Quantas mulheres chegaram?’
- b. *Kunatai-kuery o-jahu ysyry-pe*
 menina-Pl 3-banhar rio-Loc
 ‘As meninas estavam tomando banho no rio.’

No meu julgamento, nada impede que *-kuera* ocorra num contexto interrogativo como (28a). E (28b) não foi contextualizado no texto da autora, então, não sabemos se se trata de um grupo conhecido, desconhecido, ou se poderia se enquadrar em um caso de plural associativo.

A partir de agora, passo a apresentar as sentenças em contextos não-definidos que aceitam a presença de *-kuera*.

Contexto 1: introdução de referentes:

¹⁵ Uma das variantes de *-kuera*.

- (29) *Heta ro 'y mitã-kuera*¹⁶ *o-mano upe oga-pe*
 muito ano jovem-Pl 3-morrer aquele casa-Loc
 ‘Há muitos anos, crianças morreram naquela casa.’

[Nada impede que a oração seja traduzida como ‘Há muitos anos, as crianças morreram naquela casa’, desde que as referidas crianças já tenham sido mencionadas antes no discurso. No entanto, estamos considerando a oração em um contexto *out-of-the-blue*, que, nesse caso, é indefinido]

- (30) *Che a-ha petei/ø vy'aha-pe,*
 1 1-ir um_{NRL}/um_{INDEF} festa-Loc
ha upe-pe a-hecha hente-kuera ñambu'eva tekoha-pe-gua-kuera.
 e aquele-Loc 1-ver pessoa-Pl diferente lugar_para_viver-Loc-
 Circ-Pl
 ‘Eu fui a uma festa, e lá eu vi pessoas de diferentes aldeias.’¹⁷

[O contexto de narrativas é perfeito para introduzir referentes. Nessa sentença não caberia uma construção definida. Por outro lado, uma possível continuação para essa história necessariamente exigiria uma retomada dos participantes (festa, pessoas, aldeias) em construções definidas]

Contexto 2: indefinidade específica:

- (31) *Che hente-kuera o-mano-ro a-pytata, che mba'eretavaro*
 1 pessoa 3-morrer-Fut 1-ficar 1 cheia_de_coisas
 ‘Se pessoas da minha família morrerem, eu fico rica.’

[No meu julgamento, essa sentença não é ambígua entre essa leitura (indefinida específica) e a leitura definida. Para esta última, julgo ser necessária a inclusão do morfema completivo *-pa*, que indica que todos os membros da família teriam de morrer: *Che hente-kuera o-mano-pa-ro a-pytata, che mba'eretava-ro* ‘Se todas as pessoas da minha família morrerem, eu fico rica.’ (para um tratamento de *-pa* como modificador de grau no Guaraní Paraguaio, cf. Frutos, 2011)]

Contexto 3: contextos com escopo diferenciado

- (32) a. *Che sy o-pyta o-juka anguja-kwera o-joapygueri*
 1 mãe 3-ficar 3-matar rato-Pl 3-um_atrás_do_outro
upe araroype
 aquele inverno
 ‘Minha mãe ficou matando ratos um após o outro naquele inverno.’
- b. *#Che sy o-pyta o-juka peteiva anguja-kwera o-joapygueri*
 1 mãe 3-ficar 3-matar algum rato-Pl 3-um_atrás_do_outro
upe araroype

¹⁶ A presença de *-kuera* é sempre opcional, mas não vou colocar entre parênteses para os fins desta exposição.

¹⁷ Agradecemos a Gennaro Chierchia (c. p.) pelo exemplo.

aquele inverno.’

#‘Minha mãe ficou matando alguns ratos um após o outro naquele inverno.’

[De acordo com Dayal (em preparação), pronomes indefinidos do tipo de “algum” não podem ficar sob o escopo de certos operadores aspectuais/adverbiais (como *ojoapygueri* ‘em sequência’, ‘um após o outro’), especialmente em sentenças contendo verbos de criação ou destruição. Nesse caso, somente a sentença genuinamente indefinida (contendo o plural nu) é gramatical]

Contexto 4: referência a espécie (*kind*):

- (33) *Kaguare-kuera ha'e-kuera mymba o-pa-tama.*
 Tamanduá-Pl 3-Pl animal 3-Concl-acabar
 ‘Tamanduás estão extintos.’

Com esses exemplos, procurei mostrar que o morfema opcional de plural *-kuera* é amplamente produtivo na língua, não se restringindo a contextos definidos. Sobre a natureza de *-kuera*, acredito que a definição que mais se aproxime da realidade é aquela fornecida em Viegas (2017), de que se trata de um elemento opcional cuja função seria a de enfatizar a ideia de pluralidade nas situações em que ocorre. Essa definição, entretanto, é apresentada de maneira impressionista, carecendo de aprofundamento e formalização. Como expliquei no início deste trabalho, esse aprofundamento constitui agenda para trabalhos futuros.

5. Considerações Finais

Seguindo um raciocínio gerativista de que todas as línguas naturais possuem uma base em comum, universal, procurei demonstrar, neste trabalho, de que maneira o Kaiowá, uma língua desprovida de artigos, expressa as noções semânticas de definitude e indefinitude. Tomei como ponto de partida para a minha investigação uma generalização em Carvalho (2017) de que a ocorrência do morfema opcional de plural *-kuera* estaria restrita a contextos definidos. Desse ponto de vista, a presença desse morfema deveria ser barrada em contextos indefinidos. Demonstrei, no entanto, com o suporte de dados inéditos, que *-kuera*, mesmo sendo opcional, é altamente produtivo na língua e pode ocorrer em vários tipos de construções, definidas e indefinidas.

Três pontos não foram explorados nesta dissertação e merecem uma investigação mais profunda no futuro:

- (i) Há possibilidade de ocorrência de *-kuera* em contextos genéricos?¹⁸
- (ii) A ocorrência de *-kuera* é produtiva na mesma proporção para todas as funções sintáticas que um sintagma nominal pode exercer? Na quase totalidade dos contextos investigados, o sintagma nominal verificado se encontrava na função de sujeito. É preciso investigar a produtividade de *-kuera* atrelado a sintagmas nominais nas funções de objeto direto e objeto indireto, por exemplo.
- (iii) Se a presença de *-kuera* é opcional, mas não aleatória, no que consiste essa não-aleatoriedade? Em que contextos, de fato, a presença de *-kuera* é requerida? Nesse sentido, concordo com Viegas (2017) de que se trata de um “ênfaticador” de pluralidade, mas o que isso quer dizer realmente?

Espera-se que esta dissertação contribua para a divulgação da língua Kaiowá e que estimule outros estudos acerca da língua.

¹⁸ Já foi verificado que, sim, *-kuera* pode ocorrer em contextos genéricos. Os dados se encontram em um trabalho que está no prelo (RAMIRES & GUERRA VICENTE, a ser publicado na *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*).

6. Referências bibliográficas

- BARROS, E. *Dicionário Bilingue Kaiowá-Português*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2014.
- BITTENCOURT, C. M.; LADEIRA, M. E. *A história do Povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.
- BOWERN, C. *Linguistic Fieldwork: a practical guide*. Palgrave Macmillan, 2008.
- BURTON, S.; MATTHEWSON, L. Targeted Construction Storyboards in Semantic Fieldwork. In: Bochnack, M. R.; Matthewson, L. (Eds.), *Methodologies in Semantic Fieldwork*. Oxford, 2015, p. 135-156.
- CARDOSO, V. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Brasil, 2008.
- CARVALHO, R. *Análise Morfológica da Língua Kaiowá: fundamentos para uma gramática e dicionário bilingue*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília, 2017.
- CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Mouton, 1957.
- CHOMSKY, N. *Linguagem e Mente*. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- DAYAL, V. Identifying (In)definiteness: from Silent Morpho-syntax to Semantics. Ms. FRUTOS, L. 2011. Escalas no Guarani Paraguaio: uma análise do modificador de grau -pa. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.
- GUERRA VICENTE, H.; PILATI, E. Teoria Gerativa e “Ensino” de Gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Verbum: Cadernos de Pós-Graduação*, 2, 2012, p. 4-14.
- ILJIC, R. Quantification in Mandarin Chinese: two markers of plurality. *Linguistics*, 32, 1994, p. 91-116.
- JIANG, L. J. Mandarin Associative Plural -men and NPs with -men. *International Journal of Chinese Linguistics* 4(2), 2017, p. 191-256.
- KURAFUJI, Takeo. 2004. Plural Morphemes, Definiteness and the Notion of Semantic Parameter. *Language and Linguistics* 5(1), p. 211-242.
- LI, Y.-H. A. Plurality in a Classifier Language. *Journal of East Asian Linguistics*, 8, 1999, p. 75-99.
- LOBATO, L. *Linguística e Ensino de Línguas*. Pilati, E.; Naves, R.; Guerra Vicente, H.; Salles, H. (Eds.). Brasília: Editora da UnB, 2015.
- MACHADO, C. *Mandi’o oiko Hágua* Projeto Ará Verá, Curso Normal e Nível Médio, formação de professores Guarani-Kaiowá. Dourados, 1999.
- MEJIA, B. F. *Verbos em Kaiowá: uma descrição morfológica*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados, 2017.
- MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

MORENO, C. Um quarto das 154 línguas indígenas do Brasil correm risco de extinção. Agência EFE, 29 de abril de 2013. Disponível em <http://br.noticias.yahoo.com>, acesso em 30 de maio de 2019.

OLIVEIRA, V. *Turismo, Territorialidade e Modernidade: Um estudo da população indígena krahô, estado do Tocantins (Amazônia Legal)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2006

PERINI, M. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 2005.

RAMIRES, D. *Bilinguismo: entre o conflito identitário do sujeito indígena e as práticas educacionais*. Trabalho de conclusão de curso. Dourados-MS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2012.

RAMIRES, D.; GUERRA VICENTE, H. Sintagmas Nominais no Kaiowá (Tupi-Guarani): expressão de número e (in)definitude. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, no prelo.

QUADROS-GOMES, A.; SANCHEZ-MENDES, L. *Para Conhecer Semântica*. São Paulo: Contexto, 2018.

SANCHEZ-MENDES, L. Trabalho de Campo para Análise Linguística em Semântica Formal. *Revista Letras*, 90, 2014, p. 277-293.

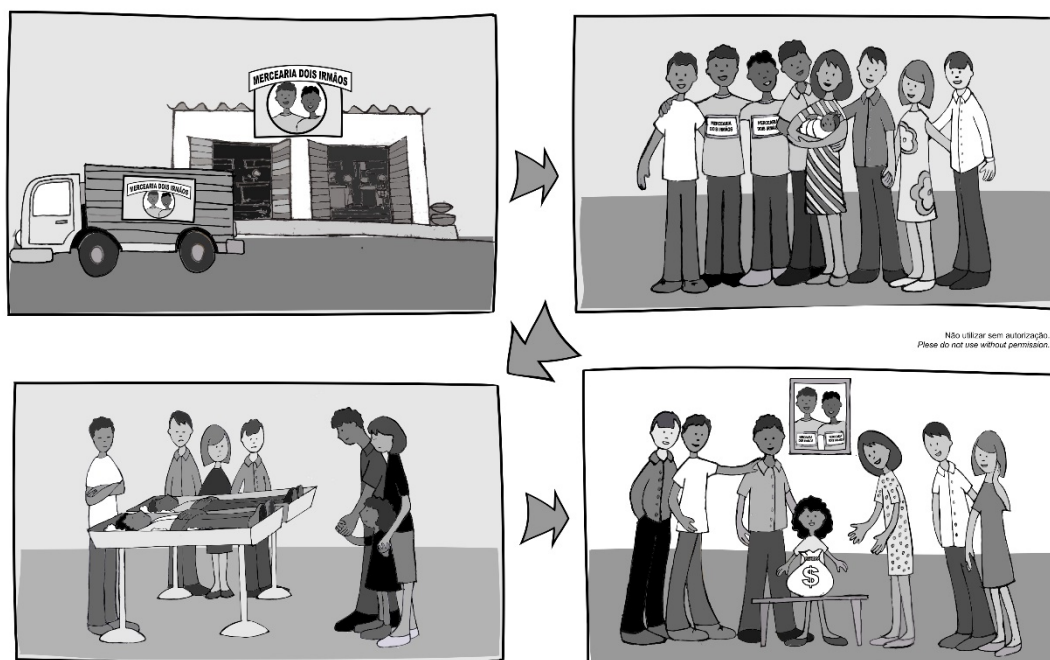
VIEGAS, L. *Nomes e Predicados Nominais em Kaiowá*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2017

Von FINTEL, K.; MATTHEWSON, L. Universals in semantics. *The Linguistic Review*, 25 (1-2), 2008, p. 139-201.

01-Anexos

Storyboards

Usamos as *storyboards* a seguir para, em princípio, eliciar as diferentes interpretações para “Se dois parentes meus morrerem, eu fico rica”. Como numerais e *-kuera* são incompatíveis, adaptamos para “Se um parente meu morrer, eu fico rica” e “Se parentes meus morrerem, eu fico rica”.



02-Anexos



Não utilizar sem autorização.
Please do not use without permission.



